

O ASPECTO DA ORGANIZAÇÃO EM MULHERES RURAIS: AS MULHERES FLORES DO CAMPO DA AGROVILA CAMPINAS

Claudia da Costa Salgado¹

Mirian Loureção Simonetti²

RESUMO

Neste trabalho, trataremos de uma organização de mulheres que se intitulam como “Flores do Campo”, que estão organizadas em um assentamento de reforma agrária, denominado Assentamento Reunidas, localizado na cidade de Promissão, no interior do estado de São Paulo. Este assentamento encontra-se organizado em dez agrovilas e as “Flores do Campo” se localizam em uma delas, na Agrovila Campinas. A escolha deste grupo para a investigação sobre alguns aspectos da organização de mulheres em assentamentos rurais, se deveu ao fato das mesmas serem moradoras desse assentamento há mais de vinte e oito anos e o grupo ter sido criado depois de tantos processos de lutas e também por essas mulheres criarem as “Flores do Campo” a fim de desenvolver projetos sociais, econômicos e pessoais. Os objetivos giram em torno de investigar e compreender o processo de organização dessas mulheres em um assentamento rural, assim como entender o sentido de uma de uma organização de mulheres para elas.

PALAVRAS-CHAVE: “Flores do Campo”, Mulheres. Organização, Assentamentos Rurais.

Introdução

Apresentamos aqui, um estudo de caso a respeito de alguns aspectos da organização para Mulheres Rurais. Mulheres Rurais, para nós são as que vivem em um assentamento rural de reforma agrária, há cerca de 28 anos e se apresentam com algumas especificidades. É justamente de algumas dessas especificidades que nos

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP-Marília e integrante do Grupo de Pesquisa “Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais - CPEA” cadastrado no CNPq e localizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Marília. Atua principalmente no seguintes tema: Organizações de Mulheres em Assentamentos Rurais de Reforma Agrária.

² Professora da Universidade Estadual Paulista - UNESP, da Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília, nos cursos de graduação em Ciências Sociais e Relações Internacionais. Está vinculada aos programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Marília e a Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais - UNESP. É coordenadora do Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1981), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1988) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1999). Atualmente é pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana e Agrária, atuando principalmente com os seguintes temas de pesquisa: Territórios, Movimentos sociais, Reforma Agrária, Políticas Públicas e Ambiente.

propomos a tratar neste trabalho. As Mulheres Rurais ao qual nos referimos se trata de um grupo de mulheres que se denomina como '*Grupo Flores do Campo*'.

As mulheres do *Grupo Flores do Campo* encontram-se na condição de assentadas, no Assentamento Reunidas, localizado no interior do estado de São Paulo, na cidade de Promissão. Cabe dizer aqui também que os 634 lotes de 18 ha desse assentamento se encontram divididos em Agrovilas. O grupo de mulheres estudado se localiza na Agrovila Campinas, uma das dez agrovilas dentre as quais estão divididos os lotes, que também possui especificidades, as quais contribuem para a construção da subjetividade das mulheres do *Grupo Flores do Campo*, devido a isso, esse grupo também conta com um espaço designado para ele neste trabalho.

Entre uma especificidade e outra, o fato é que quando optamos por realizar um estudo a respeito de Mulheres Rurais, ainda não imaginávamos que o realizaríamos com as mulheres do *Grupo Flores do Campo*, aproveitando o momento para defender o valor empírico do nosso trabalho de campo, podemos dizer que não somente escolhemos as mulheres do Grupo Flores do Campo, assim como elas nos escolheram. Após delimitarmos quem estudaríamos e onde, as mulheres rurais no Assentamento Reunidas fomos à campo. Logo a primeira mulher que entrevistamos, o grupo apareceu, ela nos contou sobre o fato das mulheres daquele lugar estarem assentadas há quase trinta anos, onde nas transformações cotidianas do estabelecer, (des) estabelecer e restabelecer laços, elas conversavam pouco e nesse “conversar pouco” perceberam a “necessidade” de conversar mais e que foi essa “necessidade” o fator impulsionador da formação do grupo. Após estas descobertas, a primeira questão que nos ocorreu, foi investigar o motivo pelo qual após tantos anos na condição de assentadas essa “necessidade” surge.

Nesse sentido nossos objetivos se pautaram em desvendar os “mistérios” da questão, e no desdobramento desse desvendar, a palavra *organização* nos apareceu de dois modos, a primeira vez nos estudos a respeito de : *Organização de Mulheres em Assentamentos Rurais*, onde a palavra referia-se a ‘instituição’, ao grupo. O segundo modo, se fez presente na fala das mulheres, onde se referiam a mesma palavra como movimento que faziam para conciliar a presença no grupo com as relações familiares e a própria gestão dessas relações, desse modo nos debruçamos no objetivo de interpretar e compreender o significado desta palavra para elas.

Como em um movimento de pegar uma “lupa” e colocar sobre a palavra na fala delas, afim de que pudéssemos enxergar as “ramificações simbólicas” da mesma, delimitamos nossa metodologia através do método do estudo de caso, onde o iluminamos teoricamente por meio da antropologia interpretativa de Clifford Geertz. Incorporamos também a discussão também a teoria de Marcell Mauss, a respeito da “noção de pessoa” para refletirmos a respeito de como a construção social dessa “noção” poderia influenciar no significado da organização, onde percebemos necessário recorrer a teoria de Marcell Mauss onde conjuntamente com Émilie Durkheim, realiza um estudo acerca das “formas primitivas de classificação”, e isso tornou-se necessário pelo fato de elas comporem grupos específicos que se possuem classificações próprias afim de se organizar no mundo e que essas classificações e modos de organização perpassam o sentido de organização para elas. A partir disso, denomina-las como: *As Mulheres Flores do Campo* ocorreu por essas classificações perpassarem a construção da subjetividade daquelas mulheres.

Esse estudo foi realizado através de: trabalho de campo, onde se destacou a coleta de depoimentos e observação assistemática; nos levantamentos bibliográficos baseados em algumas teorias antropológicas que se apresentou relevante para nós, não apenas pela relevância das mesmas ao dar voz às protagonistas deste trabalho, *As Mulheres Flores do Campo*, mas também para que nos aproximássemos do

entendimento acerca do significado do ser uma ‘mulher rural’, pensando tanto no contexto de luta pela terra, quanto na família assentada.

Construções do gênero e nas Mulheres Rurais

Nesse sentido faz-se necessário também contextualizar as especificidades das mulheres as quais estamos tratando nesse trabalho. Sendo assim, nesse momento nos dedicaremos, mesmo que de forma sucinta, a discorrer a respeito da construção de gênero nas mulheres rurais. Primeiramente gostaríamos de dizer que denominamos como Mulheres Rurais aquelas que vivem e reproduzem socialmente sua vida em espaços rurais, neste caso em específico³⁴, em um assentamento rural de reforma agrária, o Assentamento Reunidas.

Agora também cabe dizer aqui, que não tratamos da construção da ideia de feminino e masculino nesses espaços rurais, mas sim das influências desses espaços na construção e reconstrução das mulheres que os compõe.

Buscamos estudos a respeito do tema, onde destacamos Ellen Woortmann e Parry Scott, que nos mostram que a mulher rural limitava-se a esfera doméstica e o papel desenvolvido por elas no lote, as enquadrava apenas enquanto ajudantes de seus maridos.

Segundo Woortmann:

[...] a mulher camponesa nas pesquisas era percebida como limitada à esfera doméstica, responsável pelo consumo familiar, enquanto o marido/pai era definido como principal responsável pela reprodução da produção. (WOORTMANN, 2010, p.11.)

Desse modo, não podemos negar o regime patriarcal⁵ em que essas mulheres estão inseridas na sociedade ocidental e que sua construção social perpassa tais costumes, no entanto tratar da esfera doméstica nesse espaço em específico, não se pode restringir a ideia que se tem de qualquer espaço doméstico. No lote a distância entre o trabalho e a casa permite que essas mulheres construam o seu “ser mulher” transitando entre esses dois lugares, mesmo que o espaço da casa na maioria das vezes seja designado apenas para elas.

Para pensarmos tal construção, recorremos a Margaret Mead, onde em: *Sexo e Temperamento*, a autora realiza um estudo em três povos primitivos, a fim de entender a construção social do gênero por meio dos diferentes temperamentos de mulheres e homens dos três povos, onde em um dos povos homens e mulheres eram dotados de temperamento agressivo, no segundo ambos eram dóceis e no terceiro as mulheres detinham um temperamento dominante e os homens um temperamento dócil. A partir disso, mesmo a autora não trazendo o conceito de gênero, mas sim de sexo, podemos reiterar que o gênero não se trata de algo inato às relações sociais e ao lugar onde se vive.

Em suas palavras:

⁴ As mulheres rurais observadas para a construção desse sub capítulo limitam-se a esfera da Agrovila Campinas, mulheres nas quais observamos no decorrer da pesquisa.

⁵ Quando falamos em Regime Patriarcal, referimo-nos, a **Patriarcado**, que dá nome a um modo de vida que restringe a chefia da família ao pai, o indivíduo homem, modo de vida este presente na sociedade ocidental capitalista.

Em acentuado contraste com tais atitudes, verificamos, em meio aos Mundugumor, que homens e mulheres se desenvolviam como indivíduos implacáveis, agressivos e positivamente sexuais, com o mínimo de aspectos carinhosos e maternais em sua personalidade. Homens e mulheres se aproximavam bastante de um tipo de personalidade que, em nossa cultura, só íamos encontrar num homem indisciplinado e extremamente violento. Nem os Arapesh, nem os Mundugumor tiram proveito de um contraste entre o sexo; o ideal Arapesh é homem dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível; o ideal Mundugumor é o homem violento e agressivo, casado também com uma mulher violenta e agressiva. Na terceira tribo, os Tchambuli, deparamos verdadeira inversão das atitudes sexuais de nossa própria cultura, sendo a mulher o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente. (MEAD, 2000, p.268.)

Nesse sentido vale salientar que apenas enquanto “ajudante”, ou não, o fato é que essas mulheres além de lavar, passar, cozinhar, e cuidar dos filhos, também desenvolvem funções que demandam força física como tirar leite, plantar, carpir, montar cerca, cuidar de gado, cultivar a horta, entre outras. O contexto rural demanda que essas mulheres condicionem seus corpos e sua subjetividade a transitar por essas variadas funções.

Segundo Parry Scott:

À primeira vista, gênero e geração tomam imensas dimensões em moldurar o que se consideram “morais familiares” altamente valorizadas nos diversos contextos rurais examinados nesta coletânea. A conformação a estes modelos, todavia, é apenas parcial. As hierarquias sugeridas nas categorias de gênero e geração estão em constante jogo nas redefinições, nas relações de poder entre homens e mulheres, ou entre mais velhos e mais novos, sejam estas relações construídas em referência à família (em todas as suas acepções), à comunidade, à articulação entre espaços diversos de convivência, ou às adesões institucionais que agenciam o pertencimento a uma ou outra destas categorias. (SCOTT, 2010, p.23)

É nesse “constante jogo nas definições”, que se constroem e reconstroem as mulheres rurais, pois o cotidiano transpassa as hierarquias de gênero, nesse sentido podemos até encontrar homens que não cozinham e não lavem louça, mas raramente encontraremos mulheres que não trabalhem no que se produz no lote. Nesse sentido, nos arriscamos a dizer que não são elas que se encontram limitadas a “esfera doméstica”, mas ao contrario, as “esfera doméstica” que esta limitada a elas.

Segundo Parry Scott:

Gênero e Geração são termos relacionais que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relações de poder entre pessoas de sexos e idades diferentes. Seja qual for o seu local de residência ou de trabalho, cada pessoa vive um mundo permeado por culturas edificadas por simbolizações que atribuem, diferencial e dinamicamente, a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural. (SCOTT, 2010, p. 16).

Nossa intenção aqui não se trata de estereotipar um modelo de mulher rural, mas sim de apontar como algumas características do mundo rural transpassam sua construção de gênero e como a sua construção transpassa o mundo rural. Pois, embora tenham a característica da força e desenvolvam trabalhos postos no contexto da sociedade ocidental como masculinos, apresentam também características postas como femininas no mesmo contexto. Desenvolvem suas funções como cozinhar, lavar, cuidar dos filhos, entre outras, e por vezes até apreciam fazê-las. Encontramos seu feminino também nas vestes e nos cabelos.

Segundo Margaret Mead:

[...] a possibilidade de afirmar que muitos, se não todos, traços de personalidade que chamamos de masculinos ou femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, as maneiras e as formas de penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo. (MEAD, 2000, p. 268.)

Desse modo podemos dizer que as mulheres rurais, além de atender as construções de gênero estabelecidas pela sociedade em que vivem, também atribuem a si características estabelecidas para outro gênero, o masculino. Como a força física por exemplo.

Novamente nas palavras de Mead,

Mas, pelo fato dessa mesma distribuição relativa de diferenças individuais aparecer em cultura após cultura, malgrado a divergência entre as culturas, parece apropriado oferecer uma hipótese para explicar sobre que bases as personalidade de homens e mulheres foram diversamente padronizadas com tanta frequência na história da raça humana. [...] Suponhamos que existiam diferenças temperamentais definidas entre seres humanos que, se não são inteiramente hereditárias, pelo menos são estabelecidas numa base hereditária logo após o nascimento. (Mais do que isso, não podemos no momento aprofundar o assunto.) Esta diferenças, finalmente incorporadas a estrutura de caráter dos adultos, constituem então, as chaves a partir das quais a cultura atua, selecionado como desejável um temperamento ou uma combinação de tipos congruentes relacionados, e incorporando essa escolha a cada fio da tessitura social. (MEAD, 2000, p. 271.)

Essa “tessitura social” é construída pelos braços fortes das mulheres rurais, que carregam os filhos num braço e as panelas no outro, carregam em seu caminhar a rapidez da necessidade de solução ou de criação dos conflitos familiares, trazem em seus cabelos e sua pele as marcas do sol alto da lavoura, matam a galinha para alimentar e cobra para proteger a família.

O Grupo Flores do Campo

O Grupo Flores do Campo surge no ano de 2011, elas nos contaram que após muito tempo na condição de assentadas, com os afazeres da vida cotidiana, as mulheres encontravam-se apenas em eventos e conversavam pouco, no entanto as mesmas sentiam falta de encontrar-se para como elas nos disseram: *falarem coisas de mulher*. E a partir disso a falta foi se transformando em necessidade, *a gente às vezes tá na celebração, tá numa festa, e a gente conversa pouco, né?. E a gente foi percebendo que*

as mulheres elas tavam assim, por ser já a dona da casa, que ajuda o marido na roça, ou, e, cuida de filho. Tá todo mundo deprimido. (Entrevista concedida a Claudia julho de 2011).

A partir dessa necessidade marcaram um encontro onde pudessem discutir possibilidades de atividades que atraíssem as mulheres para se reunirem. Algumas das integrantes haviam participado de uma atividade da igreja católica, chamado Curso de Verão, lá aprenderam uma dança circular, a dança da colheita, a adaptaram e intitularam de, *Biodança*, para que as mulheres da agrovila pudessem dançar juntas.

[...] é que dança circular tem vários tipos, a gente acabou adaptando uma dança que nós realmente aprendemos lá, a dança da colheita, tem umas musicas que a gente trouxe de lá do curso de verão e conforme ia colocando a musica, a gente fazia encenação de colheita, mas dançando, então por isso que gente chama de Biodança, por que é dança da vida né e pra nós a plantação e sempre, enfim nós fizemos essa Biodança e depois encerrava com a dança circular, eu não sei se alguém acabou gravando aquilo. Nós fizemos apresentação e tudo. Você lembra que te disse que muitas mulheres tavam em depressão e a Biodança ela ajuda nessa questão. (Entrevista cedida por Dália em julho de 2015.)

Nesses encontros para dançar e conversar, elas reuniram-se em cerca de vinte mulheres e a partir dessas conversas começaram a perceber que havia necessidades, que pertenciam ao “ser mulher”, em suas palavras, *necessidade de mulher*.

[...] a partir dali foram criando necessidades assim de tá vindo algum especialista da saúde para tratar de algumas particularidades delas, tem mulheres hipertensas, tem mulheres com diabetes, tem mulheres, né? Enfim tanta coisa, né? E outras coisas também atividade física. (Entrevista cedida por Dália em junho de 2011.)

Após darem início a esses encontros, e como já vinham mantendo uma rotina de encontro às terças-feiras, se empenharam na fabricação de pães para vender para as famílias da comunidade. Já nesse momento o grupo tem um fluxo de mulheres, pois embora não tenhamos dito antes, estamos tratando de um grupo de mulheres que teve sua formação no ano de 2011 e vem sendo acompanhado desde então, sendo assim, o mesmo contou com vários, fluxos de mulheres e também com três importantes momentos de transição, nos quais são concomitantes com suas as transições financeiras, e nesse primeiro momento quando dão início á um processo de panificação, nesse primeiro momento contam com cerca de vinte mulheres, escolhem a casa de uma delas para fabricar os produtos nos quais comercializavam para a vizinhança, quando já estavam trabalhando com encomendas e gerando uma renda, ainda que pequena, tiveram alguns problemas burocráticos com a comercialização, onde decidiram que precisariam escrever um projeto destinado a alguma politica publica, para regularizar a situação burocrática do grupo.

Então primeiro nós começamos com o pão, o pão e tudo. E aqui a gente entrega pra CONAB, no PAA, e ai, e a gente não pode entregar essas coisas, por que tem que ter, a vigilância sanitária tem que ver o local e tudo, mas a gente não entregava a gente vendia pras famílias, tinha nossos clientes, a pessoa vinha, gostava né? Vendia assim pras famílias. E ai o pessoal chegou numa denuncia lá pra CONAB, que a gente tava entregando pra CONAB, e ai a gente ficou preocupada de, se essa história continua e dar problema pra associação, que a gente, cada uma faz parte de um associação, de produtores, ai a gente ficou com medo de dar esses problemas, ai a gente resolveu da um tempo

no pão, falamos: Vamos fazer um projeto pra gente ter um padaria de verdade, ai sim, padaria com tudo, reconhecida, selo e tal, pra gente poder fazer, ai nessa ideia ai a gente fez um projeto e mandou pro MDA.(Entrevista cedida por Margarida em julho de 2015.)

Essa interrupção na fabricação dos pães geraria também uma interrupção na possibilidade das mulheres se encontrarem que, segundo elas, é o motivo que impulsionou a formação do grupo. A partir disso trouxeram outra atividade para fazerem seus encontros semanais. Começaram a fazer artesanatos como, almofadas, bonecas, tapetes e bolsas. Aqui o grupo passou por seu segundo momento de transição, dos três nos quais citamos acima, e nesse segundo momento, até pela própria mudança da atividade manual, houve um novo fluxo, na estrutura do grupo, tanto física, quanto de pessoas. Pois mudaram o lugar da fabricação, algumas mulheres saíram e novas surgiram, com a *filha do prefeito*, por exemplo, que é uma mulher da cidade que vêm trabalhar com elas na fabricação dos artesanato, para depois vende-los em sua loja, elas reiteram que essa nova presença feminina, que nos aparece como a *filha do prefeito* nos depoimentos, vem para trabalhar com elas e não para ensina-las:

Ai nesse tempo que nós paramos de fazer o pão, enquanto a gente ficava viabilizando o projeto, mandado pra um lugar, mandando pra outro, nós falamos, ah então vamos fazer outras coisas, né? Ai que a gente começou a fazer o artesanato. A gente se reunia naquela casa em frente à cozinha, o pessoal falava casa das bonecas, ai a gente fazia bonecas e tapetes e bolsas e ai essa J. F, que é filha do prefeito, ela fez faculdade de designer, essas coisas, e ela gosta desse artesanato, mais rustico, né? Tapetes de retalho, bolsas assim trabalhadas, com fuxico, essas coisas, ai ela vinha, mas participando do grupo, o pessoal achava que ela tava dando aula, mas não era ela vinha fazer junto com nós, o que a gente tava fazendo ela fazia com nós. (Entrevista cedida por Margarida em julho de 2015.)

Trabalharam algum tempo na fabricação do artesanato, quando o projeto para montagem de uma padaria foi aprovado por uma politica publica chamada PRONATC, primeiro foi lhes oferecido um curso de panificação, onde ocorreu o terceiro momento de transição do grupo, onde as mulheres deixaram as atividades com artesanato e iniciaram o curso, nesse momento houve um novo fluxo de mulheres, e a partir dai o grupo passou a contar com sete mulheres, terminaram o curso e com a aprovação do projeto puderam contar com equipamentos para a padaria que fora montada, na antiga cozinha da cooperativa.

Ai quando surgiu pra gente fazer o curso de panificação, ai nós resolvemos parar o artesanato também, por que o curso era todos os dias à tarde , todo dia, todo dia né? E tem varias mulheres que trabalham na estufa e a gente não tinha como conciliar o trabalho, ai a gente parou o artesanato e ficamos só no curso de panificação, que foi de outubro até dezembro de 2014, ai depois do curso já entrou as festa de fim de ano, né? O curso a formatura foi dia vinte e dois de dezembro, ai a gente falou: Ah vamos voltar só depois que passar o ano novo e tudo. Ai que a gente começou a voltar a fazer reunião de novo, mas por enquanto à gente tá reunindo, é que chegou as coisas da panificação né, da padaria, os equipamentos, as coisas. (Entrevista cedida por Margarida em julho de 2015.)

Atualmente as mulheres estão trabalhando na padaria, fabricando pães e outros alimentos que podem ser fabricados em uma padaria, seguem conciliando o trabalho de

casa com o trabalho no grupo e fluxo das mulheres, organizando o espaço e as relações, ainda se queixam pela falta matéria prima para o trabalho, no entanto seguem trabalhado como é possível.

O aspecto da organização nas Mulheres Flores do Campo

‘Organização’; Substantivo feminino; 1. Ato ou efeito de organizar(-se). 2. Modo por que um ser vivo é organizado. 3. Associação ou instituição com objetivos definidos. 4.V. *organismo*.’ (FERREIRA, 2004, p. 596).

Tornar como objetivo deste trabalho, entender o aspecto da organização como parte da construção social das mulheres pertencentes ao grupo Flores do Campo, não trata-se de um escolha prevista anteriormente na pesquisa, a organização nos apareceu através dos depoimentos, embora o método de análise a qual escolhemos, nos possibilite trabalhar com roteiro semiestruturado⁶, mesclamos tal recurso com observação etnográfica. Iniciávamos as entrevistas pedindo a elas que contassem sobre o grupo, onde a partir do que era relatado formulávamos outras questões. Uma vez, que nos amparamos em: *Á interpretação das culturas*, obra de Clifford Geertz, para iluminar teoricamente nosso método de análise, pois o autor na obra citada, especialmente, na *PARTE I: 1. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*, onde Geertz propõe uma antropologia interpretativa, questionando a validade dos conceitos científicos como universais.

[...] se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Nesse sentido, baseamos não somente a própria construção do trabalho, assim como nosso campo, embora já houvesse “frestas” abertas nas porteiras do Assentamento Reunidas, pois trata-se do mesmo campo da orientadora deste trabalho, tivemos que seguir esse “roteiro” no qual aprendemos com Geertz. Primeiro entrevistamos, uma á uma, sempre partindo do pedido para que elas falassem a respeito do grupo, e mesmo ainda sem um caminho traçado para tais entrevistas. A individualidade delas se apresentara para nós desde a primeira entrevista realizada no mês de junho de 2011:

Então o grupo de mulheres flores do campo ele surgiu assim, foi na verdade necessidade de cada uma, né? A gente às vezes tá na celebração, tá numa festa, e a gente conversa pouco, né? E a gente foi percebendo que as mulheres elas tavam assim. Por ser já, a dona da casa, que ajuda o marido na roça, ou e, cuida de filho. Tá todo mundo deprimido! (Entrevista cedida por Dália em junho de 2011.)

Após isso entramos em contato com literatura que tratavam do tema, *Organização de mulheres em assentamento rurais*, e para além de ter originado e nomeado um sub capítulo deste trabalho, e posto isso, justificamos nossa opção por não discorrer sobre o mesmo novamente. O contato com a literatura nos trouxe a

⁶ Roteiro Semiestruturado; [...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada. (MINAYO, 2001, p.64.).

organização como sendo o grupo de mulheres rurais, no entanto nas entrevistas colhidas, a palavra organização aparecia de outro modo:

Então já tem uns quatro anos que a gente já tá com essa organização do grupo. Quatro anos, aí a gente começou reunindo as mulheres, aí fazendo alguns exercícios, alguns alongamentos, aí gente conversava um pouco, por que já tinha varias mulheres com problemas de depressão, depois de muito tempo de assentamento já, os filhos já cresceram todos, e têm os outros filhos que já fizeram faculdade, aí eles não tão em casa e começa a se sentir muito sozinha, né?(Entrevista cedida por Margarida em fevereiro de 2015.)

Com essa constatação, de que organização para aquelas mulheres tratara-se de algo um tanto mais profundo, algo que não pudera ser visto á “olhos nus”, pudemos entender que o que precisara ser investigado era o que significara organização para elas, e de modo que, a teoria metodológica na qual nos amparamos, afirmava o que detectamos:

Se a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece — do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo — é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia.(GEERTZ, 2008, p. 12)

Sendo assim, com que aprendemos com Clifford Geertz, nos debruçamos na investigação do significado de palavra organização, e quando voltamos ao campo continuamos as entrevistando a partir de como já fazíamos antes, pedíamos a elas que contassem sobre o grupo, no entanto ao final das entrevistas pedíamos que nos dissessem o que significava organização, onde na maioria das entrevistas nos aparecia assim:

[Risos] Ela pega a gente desprevenida né? Bom. Só de sair do cotidiano, aquela coisas tensa, que é dia-a-dia da mulher camponesa, tirar leite, ajuda na rotina do lote, sair disso, pra tá participando de alguma coisa, vai agregar alguma coisa pra ela, já é organização e de tá junto com as outras, de não tá pensando só nela, tá pensando num grupo. (Entrevista cedida por Dália em julho de 2015.)

[Risos] Eu penso em mim brigando com as mulheres, por que eu sou a chata, eu sou muito chata com elas. [pausa reflexiva] É organização, eu acho que é tanto se reunir, tá junto, e fazer as coisas assim, como posso dizer? Acho que é sempre tá. Igual à gente conversou no curso, um chamando a atenção do outro sem se impor, isso pra mim é organização, fala: olha isso aqui tá errado, vamos tentar melhorar, ficar junto, sem brigar. (Entrevista cedida por Yasmim em julho de 2015).

Foi quando pudemos perceber, mesmo com nosso pouco conhecimento gramatical, que organização, embora se trate de um *substantivo feminino*, na fala delas aparecia quase que como um verbo, organização no que as mulheres nos contavam indicara movimento, podemos perceber isso nos trechos de entrevistas citados acima. Nesse momento percebemos que era necessário entende-las, ou ao menos entender o que representava simbolicamente o aspecto da organização para elas, no entanto quando nossa investigação gira em torno de pessoas que existem que tem seu modo de vida e

seus costumes, e também não perdendo de vista que nossas mulheres são adultas⁷, onde quase todas têm entre quarenta e sessenta anos, logo sua historia tem inicio antes de nossa pesquisa, por conta disso fez-se necessário voltar ao tempo, retornar a historia do Assentamento Reunidas, da Agrovila Campinas, onde apresentamos tais no primeiro capitulo.

Segundo Geertz,

E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p. 7)

Esse retorno nos possibilitou ir preenchendo essa “teia de significados”, nesse sentido trouxemos para as entrevistas outra questão, perguntamos se anteriormente a e essa experiência, elas já haviam experienciado outros grupos de mulheres, e a resposta nos apareceu:

Toda a vida a gente teve grupo de mulheres, né? Que ajudou a construir essa escola, né? Que foi atrás, grupo de mulheres da educação, pra saúde. Toda vida teve um envolvimento das mulheres. Nos já trabalhamos, já fizemos feira com grupo de mulheres, já fizemos costura, costurava e vendia na rua, nós já fizemos muita coisa. (Entrevista cedida por Margarida em fevereiro de 2015.)

A partir desse trecho o depoimento de Margarida, pudemos notar que a organização faz-se presente na vida delas já há algum tempo, ou de um modo ainda mais profundo, se fez possível que a organização fizesse parte delas, de suas construções sociais, talvez fizesse parte de seu próprio “eu”. Sendo assim, recorreremos a Marcell Mauss, com seu trabalho: *Uma categoria do Espirito Humano: A noção de pessoa, a de “eu”*. Onde o autor nos traz que essa categoria do Espirito Humano, na noção do “eu”, não como algo inato, mas sim como uma construção social, pautada no modo de vida, na cultura e nos costumes dos povos, tratando também da construção do nome próprio em diversos povos.

Segundo Mauss:

A indulgência de meus ouvintes e de meus leitores deverá ser grande, pois o assunto é realmente imenso e não poderei, nestes cinquenta e cinco minutos, senão vos dar uma ideia da maneira de estudá-lo. Trata-se de nada menos que de vos explicar como uma das categorias do espírito humano — uma dessas ideias que acreditamos inatas — lentamente surgiu e cresceu ao longo dos séculos e através de numerosas vicissitudes, de tal modo que ela ainda é, mesmo hoje, flutuante, delicada, preciosa, e passível de maior elaboração. É a ideia de "pessoa", a ideia do "Eu". Todos a consideram natural, bem definida no fundo da sua própria consciência, perfeitamente equipada no fundo da moral que dela se deduz. Trata-se de substituir essa visão

⁷ Conferir em Quadro: 1, onde constam as idades das mulheres que compõe o grupo Flores do Campo.

ingênua de sua história e de seu atual valor por uma visão mais precisa. (MAUSS, 2003, p. 368)

E foi a partir dessa ideia, “de estudá-lo”, que percebemos que nossa investigação tratava de fato de algo mais profundo, nossa investigação tratava de entender quem eram aquelas pessoas, de entender o “eu” daquelas mulheres e descobrir onde estava à organização dentro desse “Eu”. No entanto, mais uma vez não se pode perder de que estamos falando de mulheres que compõem um grupo e que nossas investigações partem dele e caminham para entendimento do seu funcionamento. Sendo assim, aproveitamos do que Mauss trabalha a respeito do nome próprio no *Pueblos Mexicanos*, entendermos o nome do grupo Flores do Campo, pois o mesmo, assim como a noção de “Eu”, também não é inato.

Segundo Marcell Mauss,

Em cada clã encontra-se um conjunto de nomes que são chamados nomes de infância. Esses nomes são mais títulos que cognomes. São selecionados segundo modos sociológicos e divinatórios, e conferidos na infância na qualidade de "nomes de verdade" ou títulos das crianças que os recebem. Mas este corpo de nomes relacionado a qualquer um dos totens —por exemplo, a um dos totens animais — não será o nome do próprio totem, e sim o nome do totem em suas . várias condições ou de suas partes, ou de suas funções, ou de seus atributos, reais ou místicos. Estas partes ou funções, ou atributos das partes ou funções, são também subdivididas em seis, de modo que o nome referente a um membro qualquer do totem —por exemplo, o braço direito ou a perna do animal—corresponderia ao norte, e seria o primeiro em honra no clã (clã que não é, ele próprio, parte do grupo setentrional); então o nome referente a outro membro — digamos, a perna ou braço esquerdo e seus poderes etc. —pertenceria ao oeste e seria o segundo em honra; e outro membro — o pé direito por exemplo — ao sul e seria o terceiro em honra; e outro membro ainda — o pé esquerdo — ao leste e o quarto em honra; a outro — digamos a cabeça — às regiões superiores e seria o quinto em honra; e outro — digamos a cauda — à região inferior e seria o sexto em honra; enquanto o coração ou umbigo e centro do ser seria o primeiro assim como último em honra. (MAUSS, 2003, p. 373)

Embora o autor esteja tratando do nome dos indivíduos dentro do clã, utilizamos sua análise a fim de entender o nome próprio do nosso, “clã”, ou grupo como o temos tratado, e nesse momento, trazemos essa história nas palavras de uma Mulher Flor do Campo, que o fará melhor que nós:

[...] ai num dia de comemoração do dia oito de março, que a gente sempre faz um encontro, né? Ai na parte da tarde a gente tava reunida lá, fizemos um trabalho em grupos, né, dividimos as mulheres em grupos, e cada uma escolheu um nome de flor pro grupo, o grupo ainda não tinha nome né? Até então não tinha nome o grupo, então a gente tava lá no encontro, ai dividiu por grupo, agora cada grupo escolhe um flor, ai cada grupo escolheu uma flor, ai depois que voltou pra fazer a partilha dos grupos, ai a gente falou: Ah, precisa ter um nome pro grupo, Ai uma sugeriu Rosa, ai outra, por causa dos nomes, ai uma falou como tem muitas flores, ai surgiu assim, ai surgiu essa ideia, ai uma falou: Ah e se fosse Flores do Campo? Que nós moramos no campo. E somos vários tipos de flores, né? E ai agradou o nome, né? Flores do Campo. E todo mundo gostou e assim contempla todas as flores que nós escolhemos. Era tulipa, era

azaleia, era varias, falou então se a gente colocar flores do campo contempla todas, ai a partir desse dia a gente começou a ser as Flores do Campo. (Entrevista cedida por Margarida em fevereiro de 2015.)

O que trazemos de comum, entre o texto de Mauss e a fala de Margarida, é significado do nome próprio, o nome que transforma o que antes não era e que agora é. Também há em comum a historia social desse nome, que traz consigo características do lugar onde elas vivem e a feminilidade das flores na qual elas identificam nelas mesmas. Nesse momento acreditamos necessário recorrer á “*Algumas Formas Primitivas de Classificação*”, um estudo realizado por Marcell Mauss e Emile Durkheim a respeito das formas de classificação de tribos primitivas da Austrália, ou seja, trata-se de um estudo do modo em que esses povos atribuem classificações para se organizar no mundo.

Segundo Durkheim e Mauss:

Os sistemas de classificação mais humildes que conhecemos são os observados nas tribos australianas. Conhece-se o tipo de organização mais encontrado nessas sociedades. Cada tribo esta dividido em duas grandes secções fundamentais, que chamamos de fratrias. Cada fratria por sua vez, compreende certo número de clãs isto é de grupos de indivíduos portadores do mesmo totem. (DURKHEIM; MAUSS, 1981, p. 183.)

A escolha de recorrer a tais estudos torna-se interessante para pensarmos a o aspecto da organização como parte da construção da “noção de pessoa” das mulheres as quais estamos tratando, pois a partir do que elas nos trouxeram a respeito do nome, notamos que a questão da organização esta diretamente relacionada á “teias de significado”, tecidas por diversos processos organizativos, tais como o próprio Assentamento Reunidas e a Agrovila Campinas.

Se olhássemos para tais processos baseados no modo em que estão descritas ás “formas primitivas de classificação” das tribos australianas, perceberíamos o Assentamento Reunidas como a “tribo”, neste caso dividido em dez “fratrias”⁸, nas quais são denominadas como agrovilas, e dentro dessas “fratrias” os indivíduos divididos por “totens”, que nas tribos australianas se tratavam dos objeto ou animal que os grupos detinham dedicação e veneração, o qual da o nome ao clã, como por exemplo; “Clã do Gambá”. A caráter de um olhar análogo, pois nos é consciente que estamos tratando de um grupo inserido na sociedade ocidental capitalista, estaríamos aqui tratando do “Clã das Flores do Campo”, pois as Flores do Campo, se trata do totem daquelas mulheres, as Flores do Campo, nas palavras delas: “*Ah e se fosse Flores do Campo? Que nós moramos no campo. E somos vários tipos de flores, né?*”. No entanto, deixamos clara a analogia em nosso olhar, pois estamos tratando de indivíduos que possuem sistemas classificatórios muito mais complexos que os das tribos australianas.

Segundo Durkheim e Mauss:

Em principio, os totens de uma fratria não são encontrados na outra fratria. Além dessa divisão em clãs, cada fratria está dividida em duas classes matrimoniais. Damos este nome porque que tal organização tem por objeto, antes de mais nada, a regulamentação dos casamentos: determinada classe de outra fratria não pode contratar casamento

⁸ Fratria, refere-se a terminologia utilizada pelos autores para designar seções. C.f In: **Durkheim, Émile; Mauss, Marcel**. Algumas formas primitivas de classificação.

senão com determinada classe de outra fratria.[...] Tal classificação é de extrema simplicidade, pois não é mais que bipartida. Todas as coisas estão dispostas em duas categorias que correspondem a duas fratrias. (DURKHEIM; MAUSS, 1981, p. 183-185.)

O fato é que no Assentamento Reunidas, sobretudo na Agrovila Campinas, a “fratria” a qual pertence o “Clã da Flores do Campo”, os sistemas classificatórios se constroem, perpassando diversos costumes, valores, modos de produzir, que antecedem até mesmo a chegada desses indivíduos no assentamento. Agrupam-se e se classificam de acordo com as afinidades no pensamento e no cotidiano.

Segundo Simonetti:

No conjunto da comunidade verifica-se que mesmo que as escolhas relativas aos projetos de vida fossem diferenciadas, os laços da integração do grupo foram alcançados pela via do compadrio, do parentesco, do churrasco com os amigos no final de semana, nas trocas de dia de trabalho, nas rezas, nas festas (casamento, aniversário), no jogo de futebol na agrovila Campinas após a celebração da missa. Na discoteca no barracão da agrovila Campinas, onde os jovens se reúnem nos finais de semana dançando e ouvindo as músicas dos grupos das modas do momento. Nas festas da comemoração da entrada na terra (dia 2 de novembro) e nas festas juninas realizadas para arrecadar fundos para a construção da igreja onde todos participam. É quando alguns ainda escolhem os compadres e as comadres pulando fogueira. São os velhos e novos rituais coexistindo, onde as tradições mudam ou reafirmam-se. (SIMONETTI, 1999, p.171.)

O trecho retirado de Simonetti(1999.) nos mostra as algumas das afinidades as quais nos referimos acima. Aproveitamos esse momento para colocar, que trouxemos essa analogia amparada nos estudos de Durkheim e Mauss, a fim de pensar como as formas de classificação e de divisão no lugar onde vivem as Mulheres Flores do Campo perpassam a construção de sua individualidade, pois se fizermos as contas com as suas idades que trouxemos no sub capítulo acima perceberemos que as mesmas estavam inseridas nesse contexto na condição de crianças e de jovens. No entanto, aproveitamos o momento também para dizer, que não nos aprofundamos nessas classificações nem divisões, o assunto se fez apenas como parte do caminho percorrido para entendermos o aspecto da organização da mulheres rurais as quais estamos tratando aqui. Mas o fato é que fez-se necessário tal raciocínio para entendermos esse aspecto em indivíduos, que compõe todos esses grupos com suas formas de classificação.

Segundo Durkheim e Mauss;

As coisas não se encontram dispostas simplesmente sob a forma de grupos isolados uns dos outros, mas estes grupos mantêm uns com os outros relações definidas e seu conjunto forma um só e mesmo todo.[...] Também as relações que unem as classes umas as outras, e não somente sua forma exterior, são de origem social. Foi por que os grupos humanos continham uns nos outros, o subclã, e clã na fratria, a fratria na tribo, que os grupos se dispuseram segundo a mesma ordem. [...] E se a totalidade das coisas é concebida como tal. Ela forma um todo, ou melhor, ela é todo único, ao qual tudo se liga. Assim a hierarquia lógica não é senão um outro aspecto da hierarquia social e a unidade do conhecimento não é outra coisa senão a própria unidade da coletividade, estendida a universo. (DURKHEIM; MAUSS, 1981, p.197-198.)

Com esse trecho dos estudos de Durkheim e Mauss, gostaríamos de colocar agora nossa hipótese de que essas formas de classificação e divisão que os indivíduos assumem não somente constituem o todo, mas também, essas classificações e divisões constituem e constroem o indivíduo. O caso aqui é que o próprio desenrolar da pesquisa e do trabalho de campo nos fez elaborar tal hipótese. Quando delimitamos, antes mesmo de ir a campo, que nossa pesquisa se realizaria em torno de Mulheres Rurais do Assentamento Reunidas, não prevíamos que trataríamos aqui das mulheres do grupo Flores do Campo, foi quando em nossa primeira ida a campo, o grupo nos apareceu, havia pouco tempo de sua formação, quando nos deparamos com o grupo à primeira indagação que nos ocorreu, foi o motivo pelo qual aquelas mulheres encontravam-se organizadas naquele momento enquanto Flores do Campo. Essa primeira indagação tratou-se do “fio condutor” de nosso trabalho e as discussões levantadas aqui giram em torno de respondê-la.

Segundo Geertz;

É verdade que no estilo clínico da formulação teórica a conceitualização é dirigida para a tarefa de gerar interpretações de assuntos já sob controle, não para projetar resultados de manipulações experimentais ou para deduzir estados futuros de um sistema determinado. Todavia, isso não significa que a teoria tenha apenas que se ajustar a realidades passadas (ou, mais cautelosamente, a gerar interpretações convincentes); ela tem que sobreviver — sobreviver intelectualmente — às realidades que estão por vir. (GEERTZ, p.19,2008.)

Nas entrevistas, percebemos que esse “motivo” de seu agrupamento, estaria ligado a análise de camadas mais profundas, que perpassaria a individualidade das mulheres e o processos organizativos que haviam composto até a criação do grupo.

Em suas palavras:

Então, era ta junto, pra continuar o grupo, pra gente não desanimar, mas a gente acabou vendendo varias coisas, a gente tinha contato com o professor F. lá na Faculdade de Rio Preto, da Unesp, ele levou varias vezes umas bonecas pra lá e vendeu pra gente. Então nós ficamos ali, levando o grupo assim. Ai quando surgiu pra gente fazer o curso de panificação, ai nós resolvemos parar o artesanato também, por que o curso era todos os dias à tarde , todo dia, todo dia né? E tem varias mulheres que trabalham na estufa e a gente não tinha como conciliar o trabalho, ai a gente parou o artesanato e ficamos só no curso de panificação, que foi de outubro até dezembro de 2014, ai depois do curso já entrou as festa de fim de ano, né? O curso a formatura foi dia vinte e dois de dezembro, ai a gente falou: Ah vamos voltar só depois que passar o ano novo e tudo. Ai que a gente começou a voltar a fazer reunião de novo, mas por enquanto à gente ta reunindo...é que chegou as coisas da panificação né, da padaria, os equipamentos, as coisas, mas nós tamos com dificuldade de conseguir a matéria prima pra começar, por que tem que ter alguma coisa pra começar, então nos tamo se reunido assim , pra poder organizar, então a gente se reuniu pra organizar essa noite da pizza, que nós ainda vamos fazer.(Entrevista cedida por Margarida em fevereiro de 2015.)

Nesse trecho do depoimento de Margarida, ela nos conta sobre o momento em que se substitui a atividade da panificação, pela atividade do artesanato e depois o retorno a atividade da panificação. A escolha de trazer este trecho nesse momento, se da

por que a partir dele podemos perceber que a “importância do tá junto”, poderia estar imbuída de diversos significados, aos quais necessitaríamos nos atentar com bastante atenção.

Segundo Geertz;

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o "dito" no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. (GEERTZ, p.19,2008.)

E para cumprir essa “dupla tarefa” fez-se necessário observa-las mais de perto, para além da entrevistas agendadas, nas quais quando chegávamos elas já estavam preparadas para responder nossas perguntas, precisaríamos nos atentar para as conversas amenas, que ocorriam no interior do grupo. Foi o que fizemos, cabe agora esclarecer, que nosso trabalho de campo foi feito concomitante com as atividades em que o centro de pesquisa desenvolvia no assentamento, nesse sentido não íamos a campo com uma frequência delimitada, o fato é que conciliando com essas atividades tivemos a oportunidade em uma dessas idas ao campo acompanha-las mais de perto no cotidiano do grupo.

Nesse sentido agora gostaríamos de apresentar nosso diário de campo, resultado do trabalho de campo realizado no mês de julho de 2015, onde este aparece narrado em primeira pessoa pelo fato do mesmo ter sido realizado apenas por uma das autoras deste trabalho.

Diário de Campo realizado no mês de julho do ano 2015.

Todos os meses vamos ao Assentamento Reunidas e nesta visita do mês de Julho de 2015 tive a oportunidade de passar uma tarde na padaria das Mulheres, nosso encontro iniciou-se da seguinte maneira, cheguei a padaria por volta das 14:00h, haviam lá quatro mulheres integrantes do grupo, Yasmim, Rosa, Hortência e Margarida, essa tarde era especial para elas pois estavam preparando pães e mini-pizzas para um evento que aconteceria naquela noite, por conta disse elas estavam apressadas para conseguirem prepara tudo até a hora prevista. A principio minha chegada causou um certo estranhamento, mesmo que já tivesse as entrevistado algumas vezes, e de algumas já conhecesse a casa e família, pois aquela era a primeira vez que eu estava de fato no espaço das “Mulheres Flores do Campo”, era a primeira vez em que eu iria ver mesmo que de uma maneira muito reduzida, o cotidiano das Flores do Campo. Nem eu e nem elas sabíamos como agir, nesse momento com um pouco de timidez e receio, me posicionei no canto da cozinha da padaria, onde elas estavam trabalhando e com o passar dos minutos, minha angustia e o receio delas aumentava.

Foi quando num impulso de aspirante a pesquisadora, e admiradora do cotidiano, não pensei, olhei para a peça de queijo que havia sido abandonado por uma delas , e que precisava ser ralada e comecei o trabalho, tanto de pesquisadora, quanto de ajudante de cozinha. Quando disse que as ajudaria no trabalho, a principio elas negaram, mas meu medo de perder aquele momento era muito maior, que minha timidez e o receio delas, então reiterei que iria ralar o queijo, que eu estava lá para passar o dia com elas e então se elas estavam trabalhando, eu trabalharia também. Yasmim nesse momento me entregou uma luva e uma toca. Coloquei meu uniforme de pesquisadora e mãos a obra. Alguma coisa mudou naquele momento, percebi que elas passaram a confiar um tanto mais em mim, os olhares que elas me lançavam, eram olhares de maior confiança e o sorrisos de canto da boca também começavam a surgir e entre o ralar do queijo e o

barulho da panela de pressão, elas iam me contando um pouco mais sobre a formação do grupo, ainda de jeito bem formal, me trouxeram a questão da depressão das mulheres, que já me havia me aparecido, na maioria, senão em todos os depoimentos feitos anteriormente. Foi quando, Rosa reiterou: **Teve Mulher que ate morreu de depressão!** Elas me contaram também, que para aquelas mulheres os filhos são a centralidade da vida, pois elas se dedicaram muito a eles quando eles vão embora, elas se deprimem.

Logo em seguida fomos interrompidas por dois repórteres de um jornal de Promissão, que fariam uma reportagem com elas, confesso meu incomodo com aquela interrupção, encarei-a como uma ruptura da confiança que eu já havia conquistado, que quando voltasse eu teria que percorrer o caminho todo novamente, no entanto, mal sabia eu, que aquela interrupção é que me abriria às portas, nas quais eu tentara abrir a muito tempo.

Quando voltamos, Rosa olhou para Margarida e disse: **Você viu o moço?** Nesse momento todas rimos, e Glorinha responde: **Não faz meu tipo, muito engomadinho.** E dessa vez não apenas rimos, gargalhamos. Vi nesse dialogo minha oportunidade de saber um pouco mais sobre o cotidiano delas, virei para Margarida e perguntei: **qual é seu tipo?** E foi com essa pergunta que finalmente firmamos nossos laços de confiança, que já vinham sendo construído desde o ralar do queijo, nessa hora o volume do tom de voz abaixa e o do tom dos risos aumentam demasiadamente. Elas foram me contando baixinho quais os tipos masculinos que as agradavam, quase em tom de confissão, aproveitei esse momento para estreitar mais ainda os laços de confiança e também contei qual tipo que me agradava, fomos enveredando pelos caminhos da sexualidade, onde pude perceber que elas tratavam do tema, com muito menos pudor e moralidade do que as mulheres que já havia conversado antes sobre, percebi o quão o assunto era tratado com uma certa naturalidade por elas, do tema sexualidade desdobramos para os maridos, os filhos, enfim o cotidiano delas, que tanto me interessava. Nesse momento, num gesto simbólico elas me abriram as portas de suas casas e me deixaram entrar. Foram me contando sobre a complexidade de suas relações conjugais, onde uma não tinha filhos com o marido atual, no entanto os dois tinham filhos, e todos moravam juntos, a outra que morava com a mãe, o marido e a filha, e que a mãe e marido não se davam bem, pois o lote era da mãe e ela não aceitava que marido trabalhasse lá, e por conta disso, que ajudava a mãe nas atividades do lote era ela, além de tentar mediar essa relação.

Com esses relatos fui tentando montar um quadro familiar delas na minha imaginação, para que eu pudesse descobrir o que havia de universal naquelas mulheres, no entanto para montar esse quadro, precisara ainda de mais informações, centralizei, a conversa na primeira historia, naquela que era casada, no entanto ela e o marido não tinham filhos em comum e comecei a perguntar sobre os filhos e os pais desses filhos, nesse momento elas me abriram coisas nas quais, que sequer posso registrar aqui, para não expô-las, foi então que entendi que a universalidade entre elas, era necessidade que tinham e o traquejo com que conseguiam organizar as relações cotidianas.

Aproveitei esse meu raciocínio para fazer a pergunta mais “capciosa” e central da pesquisa. Olhei para elas e disse: **Meninas posso fazer uma pergunta a vocês, quando eu falo a palavra organização, qual a primeira coisa que vocês pensam?**

Margarida me olhou e disse: Nossa que pergunta simples difícil!. E cada uma foi me falando sobre organização e quando falavam todas se remetiam, a cuidar dos filhos, a relações com os maridos, com trabalho no lote, se referiam também ao grupo de mulheres, no entanto em nenhum momento me disseram que organização era o grupo, mas sim a administração das relações dentro dele. Nesse momento a filha de Rosa que

*estava na do lado de fora da cozinha da padaria brincando enquanto a mãe trabalhava, passou correndo, Rosa nesse momento deixou o que estava fazendo e foi atrás da filha para lhe dar uma bronca, e quando voltou me olhou e disse: **Tá vendo, isso é organização, trabalhar e cuidar de filho ao mesmo tempo.** Com essa sua colocação terminei de embalar minha última mini-pizza, pois durante o processo assim como a investigação, as funções na cozinha também foram se dinamizando. Nessa hora o relógio já marcava quase 19:00 horas, e nosso trabalho se aproximara muito do fim tanto elas quanto eu já estávamos esgotadas, terminamos de limpar a cozinha e voltamos para casa.*

A escolha de apresentar as descrições do diário de campo neste momento, se dá por dois motivos, o primeiro é mostrar um pouco da construção, das intercorrências, das sensações e limitações entre pesquisado e pesquisador nesse universo desconhecido e misterioso que é esse “lugar do ou outro”, o campo.

Segundo Geertz;

Falamos... de algumas pessoas que são transparentes para nós. Todavia, é importante no tocante a essa observação que um ser humano possa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não compreendemos o povo (e não por não compreender o que eles falam entre si). Não nos podemos situar entre eles. (GEERTZ,p.10,2008.)

O segundo motivo, com o qual seguiremos até o desfecho de nossas análises, trata-se do como o aspecto da organização aparece no cotidiano do grupo. Assim como nos depoimentos apresentados anteriormente esse aspecto nos aparece como o movimento que as fazem para garantir sua permanência no grupo e para gerirem as relações dentro dele, e também como esse aspecto nos aparece com naturalidade na fala delas, como quando a filha de uma passa correndo e no mesmo instante a mãe interrompe o trabalho conciliando as duas situações reiterando que aquilo é organização.

E foi a partir dessa naturalidade com que organização nos aparecia nas falas e nos movimentos das mulheres que percebemos que organização não faz parte apenas do que fazem, ou apenas da estrutura do grupo, mas também do que são, de que organização trata-se de um aspecto das Mulheres Flores do Campo. Chegamos a essa percepção amparadas nos estudos a respeito da “noção de pessoa” realizado por Marcell Mauss, o qual apontamos no início desse sub capítulo. Ampararmo-nos em tais estudos não se dá pela intenção de entender a “noção de pessoa” individual de cada uma das mulheres, mas sim pensar a construção do indivíduo através de sua história social e de como, suas construções perpassam histórias de vida, relações sociais estabelecidas por afinidades e processos organizativos decorrentes do lugar onde estão inseridas.

Segundo Mauss:

Como de linguística, tampouco vos falarei de psicologia. Deixarei de lado tudo o que diz respeito ao "Eu", à personalidade consciente, como tal. Direi apenas: é evidente, sobretudo para nós, que nunca houve ser humano que não tenha tido o senso, não apenas de seu corpo, mas também de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo. [...] Meu assunto é bem diferente, e é independente. É um assunto de história social. De que maneira, ao longo dos séculos, através de numerosas sociedades, se elaborou lentamente, não o senso do "eu", mas a noção, o conceito que os homens das diversas épocas criaram a seu respeito? O que quero mostrar é a série das formas que esse conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base

em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades. (MAUSS, p.371, 2003.)

Assim como Mauss, não estamos nos aprofundando aqui da noção que as mulheres têm como indivíduo do seu “eu” e nem suas personalidades, mas sim do que há de comum entre elas que as faz compor um grupo denominado Flores do Campo, buscar o que Mauss traz a respeito da “noção de pessoa” fez-se necessário para entendermos o como essa história social perpassa essa “noção”, ou seja perpassa a ideia que o indivíduo tem de si.

Segundo Mauss:

A noção de pessoa haveria de sofrer ainda uma outra transformação para tornar-se o que ela se tornou há menos de um século e meio, a categoria do Eu. Longe de ser a ideia primordial, inata, claramente inscrita desde Adão no mais fundo de nosso ser, eis que ela continua, até quase o nosso tempo, lentamente a edificar-se, a clarificar-se, a especificar-se, a identificar-se com o conhecimento de si, com consciência psicológica. (MAUSS, 2003, p.395.)

Neste trecho o autor se refere a “noção de pessoa” quando se torna a categoria do “Eu”, no decorrer de seu trabalho veio nos mostrando como essa tal “noção”, veio transformando-se de acordo com o tempo, com os costumes, com os povos, utilizamos disso para pensar o aspecto da organização nas Mulheres Flores do Campo, como um aspecto da noção que as mesmas têm de si, todas as vezes que organização nos aparece, esta relacionada ao cotidiano individual delas, ao que fazem e são todos os dias. As observando e as ouvindo notamos que sua “noção de pessoa” perpassa o ser mulher, ser mãe, ser mulher rural, ser filha, ser esposa, perpassando também pelo trabalho doméstico e trabalho na produção do lote. E através de suas falas podemos notar também que a organização se faz presente em todas essas esferas. Organização esta presente dentro e fora do grupo, esta presente na arrumação da casa, no cuidado com os filhos, no cuidado com as relações dentro do grupo.

Nesse sentido já nos encaminhado para o desfecho a respeito do aspecto da organização em mulheres rurais, deixando claro que ao longo deste trabalho nos dedicamos a mulheres rurais inseridas em um contexto específico, o que responde aquela nossa primeira questão do motivo pelo qual elas se unem em um grupo denominado Flores do Campo, a resposta nos aparece como a esse aspecto, pois nossa análise até aqui nos mostra que é essa organização que as mulheres nos trazem que define que “o importante é tá junto”, às mulheres Flores do Campo, entram e saem do grupo pelo aspecto da organização que as acompanha desde seu início ou de seus pais, na luta pela terra, organização que perpassou a cooperativa, a associações, da Agrovila Campinas, as famílias e hoje se encontra presente no grupo Flores do Campo, através da individualidade das mulheres. Sendo assim, chegamos ao nosso desfecho concluindo que o aspecto da organização é “fio que liga”, é o que há de universal dentre essas mulheres e as faz se reunirem, agruparem e classificarem. E cabe aqui dizer também, que a organização dentre elas não se trata de um aspecto imutável, muda-se a organização de acordo com o que se têm para organizar, e que também sua união perpassa outros aspectos aos quais não nos propomos a analisar aqui.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho nos propusemos a entender o significado da ‘organização’ para as Mulheres Flores do Campo, e entender como alguns aspectos

dessa ‘organização’ nos possibilitou iniciarmos um entendimento a respeito das Mulheres Rurais. Reconhecemos que ainda estamos longe de uma conclusão a respeito do tema, no entanto estamos um “passo adiante”, pois acreditamos na importância de termos nos dedicado ao que disseram nossas entrevistadas. Assumimos também nossa pouca dedicação às questões relacionadas à desigualdade de gênero, a qual não ignoramos, muito menos consideremos menos importante, mas o fato é que nossa proposta neste trabalho foi nos dedicarmos, especificamente a elas, as Mulheres Flores do Campo, através do estudo de caso, trouxemos um pouco de sua história e algumas questões que perpassam sua construção social, para que pudéssemos entender esse aspecto da organização onde percebemos que o mesmo não se trata apenas do que elas fazem, mas também do que elas são.

Temos clareza que trouxemos apenas alguns aspectos do que significa ser Mulher Rural, inseridas em um contexto específico. Marcell Mauss na introdução de seu texto a respeito da “noção de pessoa”, o qual trouxemos no decorrer deste trabalho aponta que fara apenas um “esboço” e que ainda esta longe de explorar o bloco inteiro, em suas palavras: “Farei apenas um esboço, darei uma primeira forma à argila. Ainda estou longe de ter explorado o bloco inteiro, de ter concluído a escultura”.(MAUSS, p.370,2003.)

Assim como Marcell Maus, acreditamos que fizemos apenas um “esboço” e que também ainda nos encontramos longe de concluirmos a “escultura” das Mulheres Rurais, entretanto também acreditamos que essa escultura deve ser concluída com um “debruçar” atencioso sobre o cotidiano delas, e do que elas dizem, se elas encontram-se na esfera domestica, os estudos a respeito devem acontecer também na esfera doméstica. Concluir tal escultura para nós representa compreender, o que de fato significa ser uma Mulher Rural.

Considerando que nesse contexto entendemos a luta pela terra, como uma “luta de família”, onde apresentamos isso no decorrer do trabalho, percebemos a mulher como parte fundamental dessa luta, tanto na conquista quanto na permanência, ainda que as mesmas estivessem “limitadas apenas à esfera doméstica”, ainda assim sua participação nessa luta seria fundamental. Pois é no espaço doméstico que se desenvolvem ações fundamentais para a própria sobrevivência biológica, como comer por exemplo. Para, além disso, nossas mulheres trazem em sí o aspecto da organização que também se configura como fator fundamental para as relações cotidianas, não só no âmbito da casa, mas também no âmbito do trabalho no lote.

Enfim, estudar, interpretar e compreender esse aspecto da organização nos fez perceber, que os estudos a respeito de mulheres no âmbito de nossa sociedade, e das ciências sociais é de extrema importância, mesmo que o modo de vida pautada no sistema patriarcal, ainda permeie nossa sociedade e nossas relações cotidianas, não limitar a nossa compreensão somente a sua condição de oprimidas ou invisíveis, possibilita entendermos o que elas são e como se sentem, o que acarreta também a possibilidade um maior entendimento sobre a nossa própria sociedade como um todo, tendo em vista que a mesma é constituída por indivíduos, classificados como mulheres e homens imbuídos de subjetividade, acreditamos que fazer “ciência de gente” é por consequência investigar subjetividades.

Referências Bibliográficas

- DURKHEIM, É.; MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação. In: Rodrigues, J. A (Org.). **Émile Durkheim**. São Paulo: Ática, 2000. p. 183-2003.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- LACERRA, B. S. **A reprodução social nos assentamentos de reforma agrária: Os desafios e perspectivas dos jovens do Assentamento Reunidas em Promissão/SP**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe)- Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.
- NORDER, L. A. C. **Políticas de Assentamento e Localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil**, 2004.
- VEIGA, José Eli da. **O que é reforma agrária**. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- SIMONETTI, M. C. L. **A longa caminhada: a (re)construção do território camponês em Promissão**. Tese (Doutorado em geografia humana) - Departamento de geografia, FFLCH, USP, São Paulo, 1999.
- SCOTT, P. Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p.15-36.
- WOORTMANN, E. F. Prefácio. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p.15-36.